

AH, VOCÊ É BRASILEIRO?

Bernadete Zagonel

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná, em 27/06/88)

- “É bonito de ver como vocês, brasileiros, são comunicativos e solidários uns com os outros quando estão no exterior”, disse-me um dia uma amiga francesa.

- É verdade, respondi. Nós nos falamos mesmo sem nos conhecermos. Basta ouvir o som da nossa língua, e pronto: já temos estímulo suficiente para nos dirigirmos um ao outro. Principalmente quando estamos em outro país.

Ah, você é brasileiro? De onde? Está só passeando ou mora aqui? O que você faz? Dois minutos são suficientes para que se troquem números de telefone, e muitas vezes disso surge uma amizade.

Às vezes a gente nem precisa se ver para que isto aconteça. A comunicação se faz por intermédio de outros, que passam nossos endereços adiante. A gente se fala pelo telefone e quer logo se conhecer. Há sempre um ponto em comum a ser descoberto.

Algum tempo atrás, comentei com uma amiga que procurava um apartamento para morar. No dia seguinte, ela fala do assunto com uma pessoa que também conhecia uma brasileira à procura de moradia e imediatamente as duas resolvem estabelecer nossa relação. Passam-nos as informações necessárias e nos ligamos. Gostamos de nossas vozes e marcamos encontro para as 15 horas, na Praça Saint André des Arts, em frente ao Café.

Ao sair, porém, dou-me conta de um detalhe: esquecemos de nos descrevermos uma à outra. – Puxa, e agora? Como faremos para nos reconhecermos? Tenho uma idéia: levo um envelope brasileiro, tipo via aéreo. Volto à praça, sento-me à mesa, e fico a sacudir e a mostrar meu envelope verde-amarelo.

Cada moça que passa, me faz pensar: Será ela? Chega uma com ares de quem procura alguém. Olha de um lado, de outro, anda para a direita, pára. Hum, penso, não sei porquê, mas não gostei do jeito dela. Que cara antipática! E a coitada, já alvo de meus maus julgamentos, vai-se embora. – Ainda bem que não é essa aí, aliviei. Mas, de repente, ei-la de volta. Só pode ser ela. Não é possível mais alguém estar na mesma situação que nós. Que faço? Vou ao encontro perguntar seu nome, se está à minha procura? Não, seria ridículo. E se não for a pessoa certa? Vai pensar que sou meio biruta.

Pego então minha carta, e a sacudo bem em frente a seus olhos, esperando reação. Depois de muito tempo, ela me olha. Vê o envelope. E então? Espero. Nada. Nenhuma menção de cumplicidade. Não era ela. Ufa! Melhor assim. E continuo a esperar e a olhar atentamente para todos os lados.

Tomei um café, pedi um copo de água, mais um suco de frutas. E ninguém com jeito de brasileiro á procura de outra brasileira. Uma hora depois, achando já ter dado prazo demais para eventual atraso, pago minha conta e vou –me embora. Minha estratégia do envelope não deu certo...

Entro em casa, decepcionada. Mas logo em seguida ela me liga:

– Como é? Você não foi ao nosso encontro?

– Eu é que pergunto. Fiquei te esperando durante uma hora.

– Eu também. Ainda estou aqui, numa cabine telefônica. Não quer voltar?

– Está bem, já estou indo.

– Antes que eu esqueça: estou com um lenço verde no pescoço.

– E eu, com blusa vermelha. Até já.

Chego na praça, e a vejo sentada no banco. Agora, nem precisávamos de indicações de aparência. Olhamo-nos e reconhecemo-nos imediatamente. Abraçamo-nos com muito carinho e nos pusemos a conversar. E rimos muito de nossa situação.

O tempo passou, e não encontramos o apartamento procurado. Ficamos, porém, boas amigas.

Mas esse não é um fato único no gênero. Às vezes acontecem também grandes coincidências. Um dia estava com meus pais numa estação de metro a conversar enquanto esperávamos o trem e, de repente, vem um rapaz e pergunta:

– Vocês não são de Curitiba?

Pois é: reconheceu pelo sotaque. Ele também era, e aos poucos fomos descobrindo uma série de amigos em comum. Pode?

Em todo caso, é só falar o Português, e logo algum brasileiro se manifesta. Seja andando na rua, no restaurante, no metrô. E assim a gente vai reencontrando o Brasil a cada novo encontro.

Mas os franceses não se parecem conosco. Me contaram que, quando no estrangeiro, chegam a atravessar a rua ao reconhecer um conterrâneo. Só para não serem identificados. Ou, quando em situação especial, acabam se falando, o assunto não ultrapassa as fronteiras do: - Está fazendo boa viagem? Tem gostado dos passeios? Nada de maiores intimidades, trocas de endereço ou telefone. Isso não se faz!

E vejo que são detalhes como esses que fazem de nós um povo tão singular.